

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**TESTE PROJETIVO DO DESENHO DA FIGURA HUMANA:
ESTUDO DE FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES**

GISELE VIEIRA FERREIRA

Orientadora: Prof^ª Dr Maria Lucia Tiellet Nunes

Porto Alegre, abril de 2011.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**TESTE PROJETIVO DO DESENHO DA FIGURA HUMANA:
ESTUDO DE FIDEDIGNIDADE ENTRE AVALIADORES JUÍZES**

GISELE VIEIRA FERREIRA

Orientadora: Prof^ª Dr Maria Lucia Tiellet Nunes

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre, abril de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383t Ferreira, Gisele Vieira

Teste projetivo do desenho da figura humana: estudo da fidedignidade entre avaliadores / Gisele Vieira Ferreira. – Porto Alegre, 2011.

f. 65

Dissertação (Mestrado) – Fac.de Psicologia, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes

1. Psicologia. 2. Teste Psicológico - Precisão. 3. Avaliação Psicológica. 4. Desenhos de Figuras Humanas. I. Nunes, Maria Lucia Tiellet II. Título.

CDD 155.28

**Ficha Catalográfica elaborada por
Sabrina Vicari
CRB 10/1594**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**TESTE PROJETIVO DO DESENHO DA FIGURA HUMANA:
ESTUDO DE FIDEDIGNIDADE ENTRE AVALIADORES JUÍZES**

GISELE VIEIRA FERREIRA

Orientadora: Prof^ª Dr Maria Lucia Tiellet Nunes

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr. Maria Lucia Tiellet Nunes
Presidente

Prof. Dr. Denise Ruschel Bandeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Roselaine Berenice Ferreira da Silva
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof. Dr. Solange Muglia Wechsler
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

AGRADECIMENTOS

Não executamos sozinhos os projetos de nossas vidas, sempre há um conjunto de pessoas envolvidas e que, de um jeito ou de outro, nos acompanham nestes percursos. Na conclusão desta etapa de dois anos da minha vida, agradeço a todos aqueles que, de alguma maneira, estiveram presentes, apoiando-me.

À minha orientadora professora Maria Lucia Tiellet Nunes que, gentilmente, acolheu-me em seu grupo de pesquisas e, à sua maneira, transmitiu-me os moldes de uma pesquisadora.

Aos colegas do grupo Adriana Sylla, Andrea Pereira, Carolina Konrat, Elisa Bochernitsan, Cristiane Feil, Rodrigo Souza, Rafaele Medeiros parceiros desta jornada. Obrigada pelo apoio e companheirismo.

À Julia Tussi e Laura Zaslavski pela rara disponibilidade. Qualidades semelhantes encontrei na Mariana Todeschini e Érika Jeckel, obrigada por ajudarem nas pontuações dos DFHs e terem contribuído com seus questionamentos, o que sempre me fez pensar e buscar o conhecimento, auxiliando na maior aprendizagem sobre o instrumento. Valeu pela força e dedicação.

Em especial à Cristine Boaz e Gabriela Seben, amigas conquistadas durante o Mestrado. Muito obrigada por tornarem alguns momentos muito mais leves.

Um agradecimento muito mais do que especial aos meus pais Admar e Miriam por tudo o que sou, pelo investimento, por semearem em mim a paixão pela leitura, pelo conhecimento e pelo novo. Obrigada pelo incondicional apoio, afeto e tolerância das minhas ausências, esteja aonde eu estivesse, eu sempre soube que poderia contar com vocês, a qualquer hora. Mesmo que vocês não saibam o quanto isso foi e é importante para mim.

Aos meus irmãos Admar e Michele, símbolos da descontração, nossas “brincadeiras” de finais de semana, muitas vezes, eram fontes estimuladoras para “encarar” mais alguns desenhos de figuras humanas.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
APRESENTAÇÃO	9
ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA: Teste do Desenho da Figura Humana: Revisão Histórica	12
ESTUDO EMPÍRICO: Avaliação da fidedignidade entre juízes na análise de itens do Teste do Desenho da Figura Humana-Projetivo	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	59
ANEXOS:	
Anexo A: Aprovação Projeto pela Comissão Científica da Faculdade Psicologia PUCRS.....	63
Anexo B: Aprovação Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS	64
Anexo C: Folha de Respostas	65

RESUMO

A presente dissertação de mestrado é composta por dois estudos, seguindo as normas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. O primeiro estudo é uma revisão de literatura intitulada **Teste do Desenho da Figura Humana: Revisão Histórica** que teve por objetivos discorrer sobre os dados históricos e aspectos que fundamentam a construção do teste, bem como apresentar a diversidade de estudos e usos dos indicadores do DFH projetivo. Foram consultadas as bases de dados PsychInfo, Bireme, BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) e Scielo, além de obras bibliográficas do DFH projetivo, como as de Hammer, Machover e Koppitz. No percurso histórico, foram encontrados diversos tipos de sistemas de interpretação do DFH, como relacionar os itens dos desenhos com alguma dificuldade emocional, conforme propõem Machover (1949) e Koppitz (1966). Por apresentar diversas formas de interpretação, existem muitos questionamentos quanto à precisão das informações levantadas pelo teste. Ademais o DFH não possui um manual rigoroso e válido para correção, o que poderia levar as interpretações a alicerçarem-se na subjetividade dos avaliadores. Este estudo também demonstra a diversidade de estudos com os diferentes indicadores emocionais que o teste propõe-se a detectar, por exemplo, de ansiedade, imagem corporal e conflitos psicosssexuais. O segundo estudo **Avaliação da Fidedignidade entre Juízes na análise de Itens do Teste do Desenho da Figura Humana-Projetivo** objetivou analisar a fidedignidade entre juízes na avaliação de 46 itens do Teste do Desenho da Figura Humana, segundo sistema proposto por Naglieri, McNeish e Bardos (1991), tanto no desenho da figura masculina, como no desenho da figura feminina. Para análise da fidedignidade entre juízes, desenhos foram corrigidos por quatro avaliadores separadamente. Estas avaliações foram transferidas para o banco de dados e submetidas à análise estatística, a fim de verificar o coeficiente de fidedignidade entre juízes, através da análise estatística Kappa. Os resultados apontaram níveis de concordância entre os avaliadores que variaram entre Substancial e Quase Perfeitas, tanto para os itens dos DFHs da mulher, como os desenhos do homem. Estes resultados evidenciam a clareza e a objetividade da descrição dos itens deste instrumento.

Palavras-chave: Teste de figuras humanas, avaliação psicológica, fidedignidade

Área conforme classificação do CNPq

7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq

7.07.01.03-2 - Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas

ABSTRACT

This dissertation consists of two studies, following the rules of the Post-Graduate Programme in Psychology PUCRS. The first study is a literature review entitled The Human Figure Drawing Test: Historical Review which had the aims of discussing the historical data and aspects that underlie the construction of the test, as well as to present the diversity of studies and uses of indicators of the HFD projective. The following databases were consulted: PsychInfo, Bireme, BVS – Biblioteca Virtual de Saúde (Virtual Health Library) and Scielo; as well as HFD projective bibliography, namely Hammer, Machover and Koppitz. Through this historical analysis, several types of systems of interpretation of the HFD were found, such as relating drawings with some emotional difficulty, as proposed by Machover (1949) and Koppitz (1966). By presenting various forms of interpretation, there are many questions raised about the accuracy of information gathered by the test. Furthermore, the HFD does not have a rigorous and valid manual for correction, which could lead to interpretations being based on the subjectivity of the evaluators. This study also demonstrates the diversity of studies with different emotional indicators which the test intends to detect, for example, anxiety, body image and psychosexual conflicts. The second study, Evaluation of Reliability Among Judges in the Analysis of Items in the Human Figure Drawing Test – Projective, aimed at analyzing the reliability between judges in the evaluation of 46 test items of the Human Figure Drawing Test, according to the system proposed by Naglieri, McNeish & Bardos (1991), in the drawing of both the male figure and the female figure. To analyze the reliability among judges, drawings were corrected by four evaluators independently. These assessments were transferred to a database and subjected to statistical analysis, in order to verify the coefficient of reliability among judges, following Kappa statistical analysis. Results showed levels of agreement among evaluators ranging between Substantial and Almost Perfect, for items of the HFDs of both the female as well as the male drawings. These results demonstrate the clarity and objectivity of the description of the items of this instrument.

Keywords: Test of human figures, psychological assessment, reliability

Area as ranked by CNPq
7.07.00.00-1 – Psychology

Sub-area as ranked CNPq
7.07.01.03-2 - Construction and Validity of Tests, and Other Scales Psychological Measures

APRESENTAÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”, coordenado pela professora Maria Lúcia Tiellet Nunes, do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. O tema central desta dissertação é a análise de itens do Teste do Desenho da Figura Humana como teste projetivo, segundo o sistema desenvolvido por Naglieri, McNeish e Bardos (1991). O presente estudo avaliou itens elaborados pelos autores, através da fidedignidade entre juízes na pontuação do teste.

No Brasil, os sistemas de correção do DFH, padronizados e reconhecidos perante o Conselho Federal de Psicologia (CFP), são a escala Sisto (Sisto, 2005) e o DFH III proposto por Wechsler (2003), ambos avaliam o desenvolvimento cognitivo. O único sistema projetivo que possui reconhecimento de validade pelo CFP é o HTP de Buck (2003), que analisa o desenho da árvore, da casa, assim como o desenho da figura humana para avaliação do tipo de funcionamento emocional.

O DFH que examina características emocionais é amplamente utilizado em avaliações psicológicas e existem inúmeras pesquisas em torno dos diferentes indicadores emocionais do teste, porém não existem estudos das qualidades psicométricas do teste para aprovação do CFP. Portanto, surgiu o interesse em estudar o DFH como teste projetivo, pois são várias as críticas em relação ao real alcance das características emocionais que podem ser apontadas e analisadas através dos traços dos desenhos. Naglieiri, McNeish e Bardos (1991), insatisfeitos com a premissa de atribuir um significado a cada item desenhado, elaboraram um sistema de pontuação, contendo 55 itens que são localização, tamanho, inclinação, presença e omissões de traços no

DFH. No entanto, ainda são raras pesquisas sobre este método no Brasil.

A dissertação é composta por um estudo de revisão de literatura e um estudo empírico, de acordo com a Resolução nº. 002/2007, de 06/11/2007, do Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS, que se refere à exigência de tais estudos.

O estudo de revisão de literatura é intitulado **Teste do Desenho da Figura Humana: Revisão Histórica** e teve por objetivo apresentar a história e os aspectos que fundamentam a construção do Teste do Desenho da Figura Humana como instrumento projetivo. Além dos aspectos históricos, trata da diversidade de estudos e usos dos indicadores do DFH projetivo.

O artigo empírico, cujo título é **Avaliação da Fidedignidade entre Juízes na Análise de Itens do Teste do Desenho da Figura Humana-Projetivo**, teve por objetivo verificar o sistema de correção do DFH proposto por Naglieiri, McNeish e Bardos (1991), analisar a objetividade e a clareza de itens, propostos por estes autores, através da fidedignidade entre juízes. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e documental, realizada a partir de banco de dados já existente. Para a realização do estudo, 200 DFHs foram corrigidos, sendo 100 da figura do sexo feminino e 100 desenhos do sexo masculino, que foram escolhidos aleatoriamente no banco de dados.

O presente estudo obteve resultados satisfatórios em termos de concordância entre os juízes. Este fator pode ser atribuído ao bom treinamento das quatro avaliadoras, mas também se relaciona à clareza na descrição dos itens propostos pelos autores. Como considerações finais, através da fidedignidade entre os juízes, pode-se afirmar que, no presente estudo, o teste alcançou a objetividade a que se propõe, parecendo ser mais uma importante ferramenta em um processo de avaliação de crianças e adolescentes.

Referências

Buck, J. (2003). *HTP: manual e guia de interpretação*. São Paulo: Vetor.

Naglieri, J.A., Mcneish, T. J., & Bardos, A. N. (1991). *DAP-SPED: Draw a person: screening procedure for emotional disturbance*. Austin, TX: Pro-Ed.

Sisto, F. (2005). *Desenho da Figura Humana- Escala Sisto*. São Paulo: Vetor.

Wechsler S. M. (2003). *DFH III: avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras*. Campinas: Impressão Digital do Brasil.

ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA

TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA: REVISÃO HISTÓRICA

TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA: REVISÃO HISTÓRICA

THE HUMAN FIGURE DRAWING TEST: HISTORICAL REVIEW

RESUMO

O presente estudo revisa a literatura sobre a história e os aspectos que fundamentam a construção do Teste do Desenho da Figura Humana como instrumento projetivo. É apresentada a origem dos estudos com desenhos assim como o início de pesquisas com o DFH como teste de inteligência para, a partir daí, mostrar como aconteceu o desenvolvimento de pesquisas utilizando o DFH como teste projetivo. Neste percurso histórico, também foram encontradas e apresentadas críticas relacionadas aos diferentes tipos de uso do DFH. Além disso, demonstra-se a diversidade de estudos com os distintos indicadores emocionais que o teste propõe-se a detectar, por exemplo, indicadores de ansiedade, imagem corporal e conflitos psicosexuais. Para realizar a revisão de literatura, foram consultadas as bases de dados PsychInfo, Bireme, BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) e Scielo, além de obras bibliográficas do DFH projetivo, como as de Hammer, Machover e Koppitz.

Palavras-chave: Teste de figuras humanas, avaliação psicológica, testes psicológicos

ABSTRACT

This study reviews the literature on the history and issues underlying the construction of the Human Figure Drawing Test as a projective instrument. It shows the origin of studies with drawings such as the beginning of research with the HFD as a test of intelligence to, henceforth, demonstrate how the development of research using the HFD as a projective test came about. Through this historical analysis, this study also found and presented critiques to different types of usage of the HFD. Furthermore, it demonstrates the diversity of studies with different emotional indicators which the test intends to detect, for example, indicators of anxiety, body image and psychosexual conflicts. To perform the literature review, the following databases were consulted: PsychInfo, Bireme, BVS (Virtual Health Library) and Scielo; as well as HFD projective bibliography, such as Hammer, Machover and Koppitz.

Keywords: Test of human figures, psychological assessment, psychological tests

1 INTRODUÇÃO

O Teste do Desenho da Figura Humana (DFH) é uma das ferramentas mais tradicionais dos processos de avaliação psicológica e pode ser aplicado em crianças, adolescentes e adultos. Machover (1949), pioneira nos estudos do instrumento como meio de projeção, afirmava que a figura desenhada poderia expressar características emocionais do sujeito.

Existem diversas formas de uso do DFH, por exemplo, a avaliação do teste através de somente um desenho da figura humana, outros usam o desenho da Casa, Árvore e Pessoa (HTP) que busca aliar as informações do desenho da figura humana com o desenho da árvore e da casa. O presente trabalho pretende apresentar o histórico, a diversidade de estudos e usos dos indicadores do DFH projetivo, aquele que analisa as figuras masculinas e femininas, conforme proposto por Machover (1949), Koppitz (1966), Hammer (1978/1981), dentre outros autores.

1.1 Histórico do DFH

Na história da construção do DFH, algumas datas e autores são importantes para melhor compreender a origem do teste. Inicialmente, as pesquisas dedicavam-se a examinar os significados dos desenhos em geral, principalmente, produções artísticas, as quais despertavam a atenção pela riqueza de detalhes, conduzindo Burckhardt, em 1855, a analisar obras de arte do período da Renascença Italiana. Segundo o pesquisador, os traços e as formas das obras continham características emocionais dos artistas, eram, portanto, um meio dos autores dos trabalhos reproduzirem, no ambiente externo, experiências emocionais (Hammer, 1978/1981).

Nesta perspectiva de entender o desenho como forma de comunicação, começou-

se a perceber que o mesmo poderia ocorrer com o desenho da figura humana. Em 1887, Ricci analisou desenhos de pessoas, relacionando-os a mecanismos de expressão de sentimentos. Nolan Lewis, em 1928, fez importante contribuição à psicologia clínica ao estudar os desenhos como meio da projeção da personalidade. Além disso, o desenho pode auxiliar na psicoterapia quando se investiga com o paciente a sua produção, o que facilita a projeção, possibilitando trazer à tona conflitos internos (Hammer, 1978/1981).

O desenho da figura humana começou a ser estudado, primeiramente, como medida cognitiva. Estudos sistemáticos sobre a avaliação do desenvolvimento intelectual, através do DFH realizado por crianças, surgiram, em 1906, com Lamprecht (Hans, 1963, citado por Wechsler e Schelini, 2002).

Florence Goodenough, em 1925, desenvolveu um teste que denominou, inicialmente, “teste do boneco”, propondo analisar a evolução dos desenhos de diversas crianças com idades entre três e 15 anos. Em 1926, Goodenough consolidou o DFH como medida cognitiva, pois crianças classificadas com a mesma idade mental tendiam a desenhar a figura humana com aproximadamente o mesmo número de itens. Mas, à medida do amadurecimento da criança, esperava-se uma tendência a desenhar figuras humanas mais elaboradas. Por este aumento dos itens dos desenhos, conforme a idade cronológica, o DFH poderia ser utilizado como medida de avaliação intelectual (Kolck, 1966; Cardoso & Capitão, 2006). No entanto, ainda em 1926, Goodenough alertara que os desenhos poderiam ser utilizados como um recurso para a avaliação da personalidade, pois em muitos desenhos que fizeram parte do seu estudo, apareceram detalhes raros e que somente tinham significado para aquele sujeito em particular, por isso, poderiam estar associados a componentes emocionais. Mas foi somente entre as décadas de 30 e 40 que surgiu, efetivamente, o interesse pelo DFH projetivo (Hammer, 1978/1981; Liporace, 1996). A partir de estudos com o DFH, como medida de

inteligência, começou-se a verificar que crianças com dificuldades emocionais não conseguiam desenhar a figura humana conforme a sua capacidade intelectual, medida através de testes de QI (Hanvik, 1953, citado por Hammer, 1978/1981). Neste sentido, conforme Hammer (1978/1981), o DFH projetivo é um subproduto do DFH cognitivo.

1.2 DFH projetivo – autores pioneiros

Karen Machover foi pioneira em dedicar-se, exclusivamente, aos estudos do DFH como método projetivo. Insatisfeita com o uso do DFH apenas como instrumento de avaliação de inteligência e motivada pela descoberta de que o DFH poderia fornecer elementos da personalidade, auxiliando na avaliação psicológica, Machover (1949) e sua equipe passaram a coletar e estudar desenhos da figura humana em clínicas e hospitais; foi possível demonstrar que as crianças faziam desenhos bastante peculiares e diferentes, estando mais relacionados à projeção no desenho, do que somente a aspectos cognitivos. Estas pesquisas originaram-se a partir da experiência com o teste de Goodenough, no qual Machover incluiu indicadores emocionais. Assim sendo, foi organizado um método com o propósito de avaliar o DFH projetivo, considerando os elementos estruturais e os itens que apareciam nos desenhos, por exemplo, sombreamento, dentes, garras, dentre outros (Machover, 1949; Caligor, 1960; Hammer, 1978/1981; Cunha, Freitas & Raymundo, 1991).

Em 1949, Machover lançou o livro *Projeção da personalidade através do Desenho da Figura Humana: um método de investigação da personalidade*. Nesta obra, a autora publicou suas experiências e observações clínicas acerca do DFH. Além disso, apresentou exemplos de desenhos de crianças e adultos com algumas dificuldades emocionais como conflitos psicosssexuais, impulsividade, ansiedade e o conceito de imagem corporal para ilustrar os resultados de suas pesquisas (Fagan & Wilson, 1997;

Hutz & Bandeira, 2000; Arteché, 2006).

Machover (1949) propunha que se solicitasse ao sujeito o desenho de duas figuras humanas, uma feminina e outra masculina em ordem escolhida pela pessoa. A ordem dos desenhos é a pessoa que escolhe. Estes dois desenhos possibilitavam a análise do autoconceito, da identidade de gênero e outros traços emocionais representados pela figura do mesmo sexo do indivíduo. A figura do sexo oposto estaria relacionada ao tipo de interação da pessoa com figuras importantes de sua vida, por exemplo, família e amigos (Machover, 1949; Van Kolck, 1984).

Ao buscar compreender o desenho como um meio de projeção, Machover (1949) concluiu que cada item é particular e possui um significado específico para quem o desenhou. Desta maneira, a nudez e outras características da figura humana como confusão e indiferenciação entre as figuras masculinas e femininas, o desenho da figura do sexo oposto em primeiro lugar, poderia ser considerado indicador de problemas psicosssexuais (Machover, 1949). Desta maneira, a autora fez uma alusão à compreensão do DFH como um todo, ou seja, avaliação global dos desenhos, o que poderia ser tão valioso, quanto a análise de cada item.

A técnica de correção do DFH de Machover baseava-se na teoria psicanalítica, mas não adotava um sistema de tabulação padronizado. O método de correção partia do pressuposto da análise direta do desenho com os aspectos previamente conhecidos dos pacientes, procurando atribuir significados aos itens desenhados sem embasamento em estudos empíricos (Martuscelli, 1954; Liporace, 1996). Apesar das falhas, o trabalho de Machover pode ser considerado como a sua mais importante contribuição no campo da psicologia, pois foi um dos estudos originais do DFH projetivo e do crescente movimento para administrá-lo como teste projetivo (Fagan & Wilson, 1997).

Koppitz (1966), motivada pela carência de pesquisas acerca do DFH como instrumento de avaliação psicológica e pelo uso do teste por uma grande quantidade de psicólogos, também se voltou para pesquisas do DFH projetivo, apenas em crianças. Segundo ela, através do teste, seria possível verificar a imagem do momento de vida da pessoa. O DFH para uso projetivo foi desenvolvido a partir do DFH para avaliação cognitiva que avaliava os itens desenhados conforme a faixa etária: itens esperados, presentes em 85 a 100% dos desenhos; comuns, entre 51 a 84%; incomuns, em 16 a 50%; excepcionais, presentes em um a 15% dos desenhos. Estes últimos itens, considerados detalhes raros nos desenhos, estariam ligados a indicadores emocionais (Koppitz, 1966).

A partir de pesquisas de Machover, de Hammer e em seus próprios estudos, Koppitz desenvolveu, primeiramente, uma escala de correção do teste, contendo 38 itens que indicavam ausência ou presença de problemas emocionais. Estes indicadores foram concebidos a partir da literatura, na experiência clínica da autora e, posteriormente, submetidos à tentativa de validação através de uma pesquisa com amostra de 1856 crianças. Com este trabalho, verificou-se que, dos 38 itens, 32 foram reconhecidos como potencialmente válidos para a avaliação de dificuldades emocionais, uma vez que foram considerados como detalhes raros nos DFHs de crianças não-clínicas. Por isso, não indicavam desenvolvimento maturacional, mas problemas emocionais (Arteche, 2006). Estes 32 itens também foram submetidos a um exame de validade com outras 152 crianças. Koppitz, em 1966, verificou a validade clínica desta escala através do estudo com crianças em idades entre cinco e 12 anos. A amostra foi composta por 76 crianças em psicoterapia e 76 crianças consideradas com bom ajustamento emocional. A análise dos 30 itens demonstrou a diferença entre os desenhos de crianças clínicas e não-clínicas. Além disso, houve a presença de dois ou mais itens

como dentes e sombreamentos no DFH, os quais foram considerados, pela autora, como indicadores de perturbação emocional, observando-se que crianças clínicas apresentaram significativamente mais indicadores emocionais do que crianças não-clínicas (Koppitz, 1966).

Através dos resultados deste estudo, Koppitz (1966) propôs uma escala, contendo 30 itens, que apontavam a existência ou a ausência de problemas emocionais em crianças. Os itens estudados pela autora foram: integração das partes desenhadas; sombreamentos; assimetria dos membros; tamanho da figura; inclinação do desenho em mais de 15°; transparências; cabeça muito pequena em uma proporção de 1/10 do tamanho total da figura; cabeça muito grande; olhos; braços longos; braços curtos; braços grudados no corpo; mãos muito grandes; mãos cortadas; pernas juntas; presença de órgãos genitais; desenho de figuras bizarras; presença de três ou mais desenhos espontâneos; presença de nuvens ou chuva; omissões de partes importantes como olhos; braços; pernas; mãos; dedos; pés; cabelo; pescoço e nariz (Koppitz, 1966). Como visto até o momento, esta autora também analisava item por item, relacionando-os a algum problema emocional.

Em 1970, Snyder e Gaston publicaram seus estudos realizados, entre 1965 e 1966, com 680 figuras humanas desenhadas por crianças com seis anos de idade. Este trabalho fez parte de um projeto de pesquisa, para investigar o funcionamento da percepção visual e a disposição para leitura. Os desenhos constituíram dois bancos de dados, um que utilizou o sistema de correção do DFH para avaliar o desenvolvimento maturacional e outro para avaliar problemas emocionais.

Os procedimentos adotados por Snyder e Gaston (1970) para analisar os itens do DFH foram divididos em três partes. O primeiro procedimento foi marcar a presença e a ausência de itens maturacionais, segundo o sistema de Koppitz (1968). Além disso, os

autores analisaram itens que ainda não tinham sido investigados pela autora, levando-os a um segundo procedimento de análise, no qual encontraram oito itens difíceis de serem encontrados nos desenhos: mais que cinco dedos nas mãos; número desigual de dedos em cada mão, além do desenho da mão em forma de luva; mais que duas pernas; unhas com forma de garras nos pés; estilo do cabelo, por exemplo, franja e cabelo preso; aparecimento de nariz em forma de triângulo; orelha; partes do corpo mal colocadas como nariz acima dos olhos e braços juntos com as pernas. O terceiro procedimento foi analisar a incidência de outras doze características do DFH também não estudadas por Koppitz, mas que foram frequentes nos desenhos estudados: rasura; sorriso; figura rígida, ou endurecida, parecendo um objeto; elevação dos braços mais que 45°; mutilação ou falta de partes do corpo; linhas reforçadas; linhas cortadas ou incompletas; itens ou objetos adicionais que não façam parte do corpo ou roupa da figura; discrepância dos desenhos realizados por crianças da mesma idade; presença de umbigo; partes do corpo separadas mais que meio centímetro; marcas, sinais ou cicatrizes presentes na figura humana. Quando estes itens apareciam nos desenhos geraram novas hipóteses, por exemplo, braços elevados e figuras rígidas aparecem com frequência nos desenhos de crianças com seis anos, não justificando a interpretação que tais características estariam associadas a algum problema emocional. Outro item bastante desenhado por crianças nesta faixa etária é o sorriso, cujo significado estaria relacionado ao bom ajustamento emocional, mas, de acordo com Snyder e Gaston (1970), fazem-se necessários mais estudos que comprovem esta interpretação. Neste sentido, já naquela época os autores alertavam para a necessidade de cuidado na administração e na interpretação do DFH projetivo. Esta recomendação surgiu em decorrência do fato que o teste já era bastante utilizado pelos psicólogos clínicos, mas

sem os devidos estudos empíricos que oferecessem normas válidas e capazes de ofertar significados psicodiagnósticos fidedignos.

Hammer foi outro autor que se ocupou com o estudo do DFH projetivo. Segundo ele, assim como cada pessoa possui suas formas de comunicação que podem ser através de gestos, respostas, sonhos, mitos, metáforas e brincadeiras, o desenho também poderia representar um meio de expressão. Neste particular, seria como se aspectos emocionais se infiltrassem no desenho, sem que a pessoa perceba, mesmo que a sua vontade fosse desenhar o que gostaria de ser. Este fenômeno, conforme o autor, estaria associado à função projetiva dos desenhos, principalmente, os de figuras humanas (Hammer, 1978/1981).

A origem da análise do DFH, em consonância com Hammer (1978/1981), baseava-se nos seguintes pontos: significados dos símbolos usados na psicanálise como a fantasia, os mitos, os sonhos dentre outras atividades que possam ser interpretadas como expressão inconsciente; experiência clínica com mecanismos de defesa como o deslocamento e com algumas psicopatologias como os sintomas conversivos, fóbicos, obsessivos e compulsivos, entre outros que podem ser compreendidos a partir de uma perspectiva simbólica; o desenho como recurso facilitador para associações livres; estudos empíricos com o DFH; desenhos de psicóticos, os quais tendem a desenhar a inundação sofrida pelo aparelho psíquico e constituem os delírios; correlações entre os desenhos realizados em diversos momentos durante a psicoterapia, considerando os sintomas do paciente na época em que o desenho foi feito; correlação entre desenhos, entre o desenho da figura humana e outros métodos projetivos como o Teste de Apercepção Temática (TAT), entre o DFH e os sonhos, o comportamento e a história de vida do paciente; estudos experimentais para fundamentar o sistema interpretativo do desenho.

Para Hammer (1981) é necessária a análise dos aspectos expressivos e dos conteúdos do DFH, além da interpretação do HTP, para complementar as informações do sujeito obtidas com o teste. Trata-se de um método interessante de avaliação do sujeito, em que cada item possui um significado relacionado a algum problema emocional. Porém, não há medidas rigorosas de aplicação e interpretação do teste, o que pode tornar-se baseado em inferências e tendencioso a erros, prejudicando, assim, o exame.

Em 1991, Naglieiri, McNeish e Bardos baseados em seus questionamentos em relação à atribuição de significados aos itens do DFH e na intenção de revisar as maneiras clássicas de correção do DFH, elaboraram critérios para pontuação dos itens dos desenhos. O método elaborado por eles denomina-se Draw-a-Person: Screening Procedure for Emotional Disturbance Test (DAP:SPED). Neste sistema solicita-se ao testando três desenhos nesta ordem: homem, mulher e de si mesmo. Trata-se de um método quantitativo, contendo 55 itens que recebem zero ou um ponto, conforme os critérios propostos pelos autores. São itens considerados raros no DFH de crianças, por isso, classificados como indicadores emocionais. O sistema de pontuação é composto por dois conjuntos: dimensões das figuras que analisam o tamanho, localização do desenho na folha e inclinação. O outro conjunto analisa o conteúdo do desenho, por exemplo, omissões, qualidade da integração, sombreamento, figuras bizarras, dentes, dentre outros itens. A soma total das pontuações dos três desenhos é transformada em um escore que classificará a necessidade de avaliação psicológica para a criança. Assim, quanto mais alto for o escore, maior será a gravidade do problema emocional (Naglieri, McNeish & Bardos, 1991). Neste sentido, não é que todos os itens devam estar presentes em todos os desenhos de crianças com problemas emocionais, mas quanto mais o sujeito pontuar no teste, mais ele determinará a sua classificação como

necessitando de avaliação psicológica (Arteche, 2006). Este método pode auxiliar na escolha de procedimentos e instrumentos para psicodiagnóstico, quando necessário.

O sistema DAP:SPED é o mais atual, dentre os métodos clássicos de aplicação e correção do DFH, como teste projetivo. Além disso, é o único que pode ser utilizado em crianças e adolescentes na faixa etária entre seis e 17 anos (Matos, Naglieri & Clausen, 2005). Além disso, como resultado o teste aponta um escore que demonstra se o sujeito pode ser considerado como clínico ou não-clínico, o que pode funcionar como um alerta, auxiliando nos procedimentos a serem adotados, já que, geralmente, quando uma pessoa chega para avaliação, o psicólogo possui informações prévias.

1.3 Estudos com os principais indicadores do DFH como teste projetivo

Apesar da importância do DFH como instrumento projetivo, a interpretação dos itens é complexa e delicada (Arteche & Bandeira, 2006). Algumas dificuldades associam-se à forma de correção que, muitas vezes, se alicerçam na subjetividade de quem está avaliando, o que tende a influenciar, negativamente, a confiança do teste. Além disso, conforme propõem Bruening, Wagner e Johnson (1997), a interpretação do DFH pode sofrer interferências das características do avaliador e informações prévias do avaliando. A própria Karen Machover demonstrava algumas incertezas em relação à análise dos aspectos projetivos encontrados nos desenhos (Hutz & Bandeira, 2000). Desde que Machover em 1949 apresentou seu estudo, foram feitas críticas em relação ao seu sistema de correção e interpretação do DFH, devido à carência de estudos empíricos que comprovassem as hipóteses interpretativas sugeridas por ela (Arteche & Bandeira, 2006).

Diversas pesquisas já foram realizadas, utilizando o DFH como método projetivo, mesmo assim, ainda existem muitas críticas e divergências entre autores acerca do teste.

A seguir, serão apresentados estudos brasileiros sobre alguns indicadores que podem ser apontados no Teste do Desenho da Figura Humana.

1.3.1 Estudos com indicadores de ansiedade

A partir do sistema de Machover (1949) sobre os indicadores de ansiedade, diversos estudos têm sido efetivados, dentre os quais se encontram Goldstein e Faterson que, em 1969, realizaram uma pesquisa com trabalhadores noturnos e verificaram a presença de sombreado nos desenhos feitos por homens. Os resultados encontrados pelos autores confirmam que a presença deste item no desenho poderia ser considerada como indicador de ansiedade.

Van Kolck é uma das autoras que buscou validar os indicadores emocionais do DFH proposto por Machover, Koppitz e Handler com amostras da população brasileira. Van Kolck e Van Kolck (1972) propuseram-se a investigar em que medida os itens desenvolvimentais, emocionais de Koppitz e os indicadores de ansiedade propostos por Snyder e Gaston, em 1970, aparecem nos desenhos de crianças de oito anos de idade. O objetivo deste estudo era verificar a validade dos significados dos itens propostos por esses autores na prática psicodiagnóstica. Os itens relacionados à ansiedade foram: não integração entre as partes das figuras, sombreamento ou manchas no rosto e no corpo, partes do corpo, por exemplo, braços e pernas, consideravelmente, diferentes em sua forma, porém não foi avaliado se os membros são iguais na forma e diferentes no tamanho; inclinação da figura em mais de 15°; figura extremamente pequena ou muito grande; transparência de partes do corpo; cabeça muito pequena; olhos cruzados ou opostos; dentes; boca; braços muito curtos; braços excessivamente grandes; braços grudados no corpo; mãos grandes ou cortadas; presença de nuvens. Além disso, foram analisadas as omissões de partes importantes do corpo humano como os olhos, a boca, o braço, o pescoço, dentre outras. Os autores apontam que as hipóteses de Koppitz

precisam ser revisadas, pois itens, como inclinação da figura e assimetria entre os membros do corpo, não apareceram, no referido estudo, como indicadores emocionais.

Van Kolck (1974) realizou outro estudo para verificar a validade dos 30 indicadores emocionais de Koppitz (1966), analisou a presença ou a ausência destes traços, buscando correlacioná-los com os 20 índices de ansiedade propostos por Handler em 1967. Este trabalho procurou avaliar a presença de ansiedade em 120 crianças com idades entre sete e 12 anos. Esta pesquisa revelou baixas correlações entre os indicadores emocionais de Koppitz e os critérios propostos por Handler (1967), sugerindo uma baixa e, conseqüentemente, inconsistente significância dos itens, em relação à amostra estudada, não sendo possível avaliar a ansiedade e os distúrbios emocionais, baseando-se apenas no DFH (Van Kolck, 1974).

Em 1983, Sims, Dana e Bolton também realizaram estudos com indicadores de ansiedade como, por exemplo, o sombreamento. Mas as suas pesquisas demonstraram que a presença de sombreamento no DFH estaria mais relacionada à habilidade para desenhar do que à ansiedade (Arteche, 2006). Em estudo realizado por Bandeira, Loguercio, Caumo e Ferreira (1998), estudaram 106 crianças com idades entre sete e 13 anos, sendo dois grupos de 53 crianças, o primeiro com meninos e meninas a serem submetidos a procedimentos cirúrgicos e o segundo grupo controle. O objetivo foi avaliar a ansiedade através do DFH, segundo critérios propostos por Handler, em 1967, comparando-se com o desempenho das crianças no IDATE-C. Ao analisar a frequência dos itens do DFH nos dois grupos, os pesquisadores não encontraram diferenças significativas, sugerindo que o sistema de Handler não foi validado na amostra utilizada.

1.3.2 Estudos do conceito de imagem corporal

Machover (1949) considerava que a primeira figura desenhada estaria relacionada ao conceito de imagem corporal. No entanto, existem outras características do DFH, como detalhes acrescentados nos desenhos da mulher ou do homem, os quais também podem demonstrar o tipo de imagem corporal que o sujeito possui.

Van Kolck (1973) realizou uma revisão bibliográfica sobre os indicadores do conceito de imagem corporal proposto por Machover (1949). Este estudo focalizou seis situações particulares: “Desfiguração facial, amputados, mutilados ou aleijados. Hipertensão, asma e perturbação gastrointestinal. Obesidade. Pessoas com problemas cardíacos. Crianças emocionalmente perturbadas. Casos de privação cultural” (p. 151). No trabalho de Abel, efetivado, em 1953, com DFHs de adolescentes e adultos com idades entre 17 a 62 anos, os sujeitos da pesquisa foram previamente classificados como desfigurados severos e moderados. O propósito do estudo era investigar o quanto as atitudes de outras pessoas em relação ao portador de alguma deformidade interferiam no modo como eles percebem sua própria imagem corporal. Os desenhos foram corrigidos segundo os critérios de Machover. Nos DFHs de sujeitos portadores de deformidades faciais severas, apareceram figuras humanas com algum tipo de alteração no rosto, sugerindo uma tendência à aceitação da própria condição ou de reconhecimento da deformidade. O mesmo não ocorreu com os sujeitos com desfiguração moderada, cujas alterações corporais podem não ser percebidas por outras pessoas. Apesar da alteração corporal e desta ser fonte de algumas perturbações, elas não foram desenhadas (Abel, 1953, citada por Van Kolck, 1973).

Em um seguimento da pesquisa, segundo Van Kolck (1973), Abel e Wille, em 1954, analisaram o DFH de 60 pares de sujeitos amputados. Os resultados demonstraram que 35 pares evidenciaram o defeito, mas não se pode fazer correlação

entre a severidade da deformação e a sua representação no desenho. Sujeitos considerados pouco adaptados ou que não aceitaram a perda do membro tendiam a desenhar o membro perdido maior ou com ênfase. Por outro lado, aqueles que aceitavam ou estavam mais adaptados à perda da parte do corpo, desenharam-no menor ou omitiram-no. Estas características dos desenhos poderiam estar relacionadas a alguns tipos de mecanismos de defesas do sujeito para lidar com o problema da amputação, por exemplo, a regressão, a depressão, a mania, a hipocondria, a negação entre outros (Noble, Price & Gilder, 1954, citados por Van Kolck, 1973). Por outro lado, essa associação de características dos desenhos com mecanismos de defesas ainda são hipóteses que necessitam comprovação.

Os desenhos de pacientes obesos revelaram dificuldades com a imagem corporal. Estes problemas foram demonstrados através do desenho de figuras com aumento do tamanho corporal, ocupando maior espaço na folha, do que aqueles realizados por pessoas consideradas com peso normal (Bailey, 1970, citado por Van Kolck, 1973).

Van Kolck (1973) também se ocupou com estudos com o DFH na influência de problemas corporais não visíveis como cardiopatias na imagem corporal. Para tanto, foram utilizados quatro grupos com vinte e cinco crianças cada um deles. Essas crianças possuíam entre oito e 16 anos, também foram empregados um grupo controle e outros dois grupos, um com crianças com retardo mental e outro com crianças com dificuldades emocionais. A análise dos desenhos, nestes quatro grupos, demonstrou diferenças importantes: crianças com problemas cardíacos expressaram, nos desenhos, as suas dificuldades em relação ao esquema corporal, uma vez que o DFH ocupou menor espaço no papel do que os dos outros grupos (Green & Lewitt, 1962, citados por Van Kolck, 1973).

Arteche (2006) apresentou os estudos com os indicadores do DFH, dentre estes,

encontram-se o conceito de imagem corporal, avaliados a partir do primeiro desenho que foi realizado por 606 crianças, previamente, classificadas como clínicas e não clínicas. Neste trabalho, demonstrou a não possibilidade da análise do primeiro desenho como indicador emocional, pois foi alta a incidência de crianças não clínicas que desenharam figuras do sexo oposto em primeiro lugar.

1.3.3 Estudos com indicadores de conflitos psicosexuais

Cabe destacar que este indicador é avaliado através do gênero da primeira figura desenhada e que pode revelar problemas associados à sexualidade, à identidade sexual, às dificuldades de satisfação sexual ou problemas afetivos e de interação com pessoas do sexo oposto (Sprengle & Swensen, 1956, citados por Van Kolck & Van Kolck, 1971). Por outro lado, conforme Buck (1948, citado por Van Kolck & Van Kolck, 1971), pode ser indicador de preocupação, fantasias amorosas, boa relação com o progenitor do sexo desenhado ou, simplesmente, associadas a variações nas instruções na aplicação do teste, bem como influência do sexo do examinador.

Ressalte-se que, conforme Van Kolck e Van Kolck (1971), um dado simples e único não pode concluir que uma pessoa possui problemas em relação à sua sexualidade, principalmente, levando-se em consideração a complexidade do exame destas dificuldades. Assim, o gênero da primeira figura desenhada deveria ser considerado um elemento a mais na avaliação do sujeito (Gravitz, 1967, citados por Van Kolck & Van Kolck, 1971).

Outro item proposto por Machover, em 1949, e estudado por Van Kolck & Van Kolck (1971) foi a nudez da figura humana, que estaria relacionada a conflitos psicosexuais. Desde esta hipótese de Machover, estudos vêm sendo efetuados na tentativa de corroborar a validade desta interpretação. Alguns estudos foram realizados

sobre este indicador, como Fischer que, em 1961, aplicou o DFH em adolescentes delinquentes, do sexo masculino, a maioria dos quais desenhou, em primeiro lugar, figuras do sexo oposto e nuas, o que o autor relacionou com indícios de problemas sexuais (Van Kolck & Van Kolck, 1971).

Em relação aos itens que diferem a figura feminina da masculina, Van Kolck e Van Kolck (1971) encontraram pesquisas como a de Swensen & Newton, de 1955, a qual sugere que a diferença sexual, nos desenhos, estava relacionada à idade. Os meninos até aproximadamente os 13 anos não conseguiam fazer muitos traços que caracterizavam as diferenças de gênero, ao passo que as meninas desde os seis anos tendiam a melhor diferenciar as duas figuras. Van Kolck e Van Kolck (1971) dedicaram-se ainda aos estudos de Murphy, de 1957, que corrobora os resultados de Swensen e Newton, as mulheres colocam mais detalhes nas figuras, conseguindo diferenciá-las melhor do que os homens, o que não estaria, necessariamente, indicando problemas sexuais, mas poderia estar revelando características masculinas e femininas nos desenhos. Além disso, o trabalho de Cutter, de 1956, aponta que existem contradições importantes em relação aos indicadores de distúrbios psicosexuais. Os sujeitos homossexuais, exibicionistas ou com outros desvios sexuais produziam desenhos com melhor diferenciação sexual do que aqueles considerados neuróticos (Van Kolck & Van Kolck, 1971).

Arteche, Bandeira e Hutz (2010) analisaram o Desenho da Figura Humana de 606 crianças, com idades entre seis e doze anos, divididas em grupo clínico e grupo controle. Espera-seo desenho da primeira figura seja a do próprio sexo da criança. Neste estudo os dados do grupo controle não confirmam a hipótese de que desenhar o sexo oposto ao seu é indicativo de problemas emocionais. Entretanto, a impossibilidade de identificar o sexo da primeira figura surgiu sim como indicador emocional.

No entanto, cabe ressaltar que a análise isolada de cada um destes itens, no desenho, não funciona como preditor de problemas com a sexualidade, sendo necessário considerar outros fatores e informações do indivíduo para tal diagnóstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O DFH é um recurso que possui baixo custo para ser administrado, é usado somente papel, lápis e borracha. Além disso, a aplicação não é complexa, é de fácil entendimento para o examinador, bem como para o examinando. Os resultados da interpretação do teste produzem uma abrangência de informações. É uma das técnicas mais utilizadas por psicólogos interessados em avaliar características emocionais.

Pesquisas com o DFH existem muitas, e diversas também são as controvérsias em relação aos sistemas de compreensão dos indicadores do teste. Portanto, cabe ressaltar que a administração de um teste que avalia o estado emocional, sem que os seus indicadores estejam validados, compromete o resultado aferido pelo instrumento e, conseqüentemente, pode levar a erros diagnósticos. Acrescenta-se a este fator de risco que os sistemas mais utilizados são os de Machover (1949) e de Koppitz (1966), ambos baseados em estudos com amostras americanas das décadas de 1950 e 1960, como se elas pudessem ser, da mesma maneira, válidas para a população brasileira. Outro instrumento bastante utilizado e que é válido para avaliação psicológica é o HTP (Buck, 2003), porém, este não usa apenas o DFH, avalia também o desenho da casa e da árvore.

Estas contradições estão associadas aos diferentes tipos de usos e interpretações do DFH que, assim o é, desde a origem dos estudos com o teste. Atualmente, o DFH segue sendo manuseado conforme as experiências clínicas e interesses dos avaliadores,

baseado em normas sem a devida validade, perante o Conselho Federal de Psicologia (CFP).

O DFH projetivo ainda não foi reconhecido pelo CFP como teste válido para avaliação psicológica, pois ainda não foram apresentados estudos suficientes com as qualidades psicométricas do instrumento. Em relação a isso, Lilienfeld, Wood e Garb (2000) sinalizam que uma das maiores dificuldades centra-se nos esquemas de escores e hipóteses levantadas nos testes que, muitas vezes, baseiam-se na experiência clínica, sem usar um método científico e padronizado, colaborando para invalidar e/ou colocar em dúvida o rigor técnico e metodológico desses instrumentos.

Como se evidencia no presente estudo de revisão, não houve unanimidade entre os autores no que se refere aos significados dos itens, além de existirem diferenças importantes nos critérios de interpretação do DFH projetivo. Estas divergências podem estar relacionadas às diferenças dos sujeitos das amostras, bem como aos distintos tipos de itens usados para os estudos. Apesar destas controvérsias, não se pode deixar de considerar que, talvez, os achados em relação ao DFH projetivo podem ser complementares na construção de um sistema de interpretação do teste.

Vilemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006), por exemplo, enfatizam a importância do treinamento e do olhar clínico para a interpretação do DFH, mas enfatizam a necessidade do uso de um manual padronizado e válido para haver a redução de interpretações duvidosas ou errôneas. Este critério não vale para o DFH, apesar de existirem muitas pesquisas acerca do teste, nenhuma consegue comprovar a validade dos significados dos indicadores emocionais apontados pelo instrumento. Fator lamentável, pois é um teste interessante e que poderia servir como mais um caminho de auxílio ao avaliando.

REFERÊNCIAS

- Arteche, A. X. (2006). *Indicadores emocionais do desenho da figura humana: construção e validação de uma escala infantil*. Tese de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Arteche, A. X. & Bandeira, D. R. (2006). O desenho da figura humana: revisando mais de um século de controvérsias. *Ridep*. 22 (2), pp. 133 – 155.
- Arteche, A.; Bandeira, D.; Hutz, C.S. (2010). Draw-a-Person test: The sex of the first-drawn figure revisited. *The Arts in Psychotherapy*. 37(1), 2010, 65-69.
- Bandeira, D.; Loguercio, A.; Caumo, W. & Ferreira, M. B. (1988). O Desenho da Figura Humana é válido para avaliar ansiedade em crianças? *Psicologia Escolar e Educacional*, 2 (2), 129-134.
- Bruening, C., Wagner, W., & Johnson, Jr. (1997). Impact of rater knowledge on sexually abused and nonabused girls's scores on Draw-a-Person: Screening procedure for emotional disturbance (DAP: SPED). *Journal of Personality Assessment*, 68(3), 665-677.
- Caligor, L. (1960). *Nueva interpretación psicológica de dibujos de la figura humana*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- Cardoso, L. M. & Capitão, C. G. (2006). Estudo correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana. *Psico-USF*, 11 (2), pp. 157-166.
- Cariola, T. C. (2006). O desenho da figura humana de crianças com bruxismo. *Boletim de psicologia*. LVI (124), pp. 37-52.
- Craddick, R. A. (1963). The self-image in the Draw a Person Test and self-portrait drawings. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment*, 27 (3), 288-291.
- Cunha, J. A., Freitas, N. K. & Raymundo, M. G. B. (1991). *Psicodiagnóstico*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, G. A. V. & Wechsler, S. M. (no prelo) Indicadores emocionais nos desenhos de crianças obesas.
- Fagan, T. & Wilson, P. (1997). Obituaries: Karen Machover (1902-1996). *American Psychologist*. 52 (7), pp. 742.
- Hammer, E. F. (1981). A projeção no contexto clínico. In Hammer, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana. Original publicado em 1978.
- Handler, L. (1967). Anxiety indexes in the Draw-a Person Test; a scoring manual. *Journal of Projective Techniques and Personality Assesment*. 31, pp. 46-57.

- Hutz, C. S. & Bandeira, D. (1995). Avaliação psicológica com desenho da figura humana: técnica ou intuição? *Temas em psicologia*, 3, pp. 35-41.
- Hutz, C. & Bandeira, D. (2000). Desenho da Figura Humana. In Cunha, J. A. e cols. *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artmed.
- Koppitz, E.M. (1966). Emotional indicators on Human Figure Drawings of children: a validation study. *Journal of Clinical Psychology*, 22 (3), pp. 313-315.
- Lilienfeld, S. O., Wood, J. M. & Garb, H. N. (2000). The Scientific status of Projective Techniques. *Psychological Science in the Public Interest*, 1 (2), 26-66.
- Liporace, M. F. (1996). *El dibujo de la figura humana: aspectos psicométricos y proyectivos en el proceso psicodiano*. Buenos Aires: Psicoteca Editorial.
- Machover, K. (1949). *Personality projection in the drawing of the human figure: A method of personality investigation*. Springfield: C. C. Thomas.
- Martuscelli, C. (1955). O desenho no estudo da personalidade: a prova do desenho da figura humana. *Boletim de psicologia*, 6, PP. 21-24.
- Matto, H. C., Naglieri, J. A. & Clausen, C. (2005). Validity of the Draw-a-Person: Screening Procedure for Emotional Disturbance (DAP:SPED) in strengths-based assessment. *Research on Social Work Practice*, 15 (1), pp. 41-46.
- Saur, A. M. (2007). Imagem corporal: auto-satisfação e representação psíquica em Desenhos da Figura Humana. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo.
- Snyder, R.T.; Gaston, D.S. (1970). The figure drawing of the first grade child item analysis and comparasion with Koppitz norms. *Journal Clinical Psychology*, 26 (3), pp. 377-383.
- Van Kolck, O. L. V. (1966). *Sobre a técnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade*. São Paulo.
- Van Kolck, O. L. & Van Kolck, T. (1971). Validação de algumas características do Desenho da Figura Humana através do Rorschach. *Boletim de Psicologia*, 23 (62), 27-37.
- Van Kolck, O. L. & Van Kolck, T. (1972). O Desenho da Figura Humana em casos especiais. *Boletim de Psicologia*, 24 (64), 89-121.
- Van Kolk, O. (1973). O Desenho da Figura Humana no estudo de problemas específicos. *Boletim de Psicologia*, 25 (64), pp. 151-181.
- Van Kolck, O. L. (1974). Correlações entre índices de ansiedade e perturbações emocionais nos desenhos de figuras humanas de crianças. *Bol. Psicol.*, XXV (66), pp. 7-12.
- Van Kolck, O. L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São

Paulo: Pedagógica e Universitária.

Van Kolck, O. L. (1987). A doença e a imagem corporal: campo fértil de pesquisas. *Boletim de psicologia*, 37(87), pp. 46-48.

Vilemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11 (2), pp. 185-193.

Wechsler, S. & cols. (s.d.). Desenho da figura humana: medida emocional ou desenvolvimental? Manuscrito não publicado.

Wechsler S. M. & Schelini, P. W. (2002). Validade do Desenho da Figura Humana para Avaliação Cognitiva Infantil. *Avaliação Psicológica*, 1 (1), pp. 29-38.

ESTUDO EMPÍRICO

AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES NA ANÁLISE DE ITENS DO TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA-PROJETIVO

AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES NA ANÁLISE DE TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA-PROJETIVO

EVALUATION OF RELIABILITY AMONG JUDGES IN THE ANALYSIS OF THE HUMAN FIGURE DRAWING TEST – PROJECTIVE

RESUMO

Naglieri, McNeish & Bardos (1991) desenvolveram um sistema de correção para o DFH projetivo denominado Draw-a-Person: Screening Procedure For Emotional Disturbance Test (DAP:SPED). É uma técnica projetiva que visa discriminar crianças e adolescentes com problemas emocionais, daquelas que não os possuem. Para tanto, estes autores elaboraram uma escala, contendo 55 itens a serem pontuados, subdivididos em dois conjuntos: o primeiro inclui as dimensões, localização e inclinação da figura na folha. O segundo possui 46 itens que avaliam o conteúdo dos desenhos. O objetivo do presente estudo foi o de investigar a fidedignidade entre juízes na avaliação de itens que compõem o segundo conjunto tanto no desenho da figura masculina, como no desenho da figura feminina. Estes desenhos foram avaliados por quatro juízes de forma independente. Estas avaliações foram transferidas para o banco de dados e submetidas à análise estatística, a fim de verificar o coeficiente de fidedignidade entre juízes, através do cálculo estatístico Kappa. Os resultados apontaram níveis de concordância entre substancial e quase perfeita, demonstrando a clareza e a objetividade da descrição de itens deste instrumento.

Palavras-chave: Teste de figuras humanas, avaliação psicológica, fidedignidade

ABSTRACT

Naglieri, McNeish & Bardos (1991) developed a correction system for the HFD projective called Draw-a-Person: Screening Procedure For Emotional Disturbance Test (DAP:SPED). It is a projective technique that aims to discriminate children and adolescents with emotional problems, from those without such problems. To this end, the authors developed a scale containing 55 items to be ranked, subdivided into two sets: the first includes the size, location and inclination of the figure on the sheet. The second has 46 items that assess the content of the drawings. The aim of this study was to investigate the reliability among judges in evaluating items that make up the second set in both the male figure and the female figure. These drawings were assessed by four evaluators independently. These assessments were transferred to the database and subjected to statistical analysis, in order to verify the reliability coefficient among judges, through Kappa. The results showed levels of agreement ranging between Substantial and Almost Perfect, demonstrating the clarity and objectivity in the description of items of this instrument.

Keywords: Test of human figures, psychological assessment, reliability

1 INTRODUÇÃO

“O desenho é uma das mais antigas e primitivas formas de comunicação do ser humano” (Van Kolck, 1966, p. 13). De acordo com esta autora, os povos da antiguidade faziam suas marcas, desenhos e esculturas em pedras e rochedos, como código de transmissão de mensagens entre eles. Além disso, é um modo de comunicação mais primitiva, por assumir o papel de ensaio para a comunicação em crianças pequenas.

O ato de desenhar inicia-se a partir do momento em que a criança consegue segurar um giz, caneta, lápis ou outro material, época em que começa a conseguir registrar suas marcas sobre a superfície disponível. Inicialmente estes desenhos são resultados de uma descarga motora, mas, no ritmo do desenvolvimento psicomotor, estes traços e rabiscos tendem a evoluir e ganhar formas mais definidas (Liporace, 1996; Cox, 2001). Mesmo que a criança esteja somente rabiscando, esta atividade não merece ser cortada ou desestimulada, porque se trata de um ensaio para o desenho mais elaborado (Cox, 2001).

Ao serem levados em consideração os fatores cronológicos, Cox (2001) descreve sobre os primeiros significados dos desenhos para as crianças. Com apenas doze meses, as crianças utilizam materiais para desenhos simbolicamente, mas de modo não convencional. Assim, por exemplo, somente rabiscam ou utilizam estes objetos como se fossem brinquedos, pois não conseguem utilizá-los pela maneira esperada, ou seja, desenhando. Segundo a autora, “nessas representações baseadas em um objeto, a ideia de que uma coisa pode representar outra coisa é essencial” (p. 21). Neste sentido, pode-se pensar que fenômeno semelhante ocorra com o desenho da figura humana, podendo ser um meio de comunicação, pois os desenhos podem apresentar traços, representantes de significados particulares para o sujeito e menos reconhecidos para a pessoa que desenhou, do que a linguagem falada ou escrita, sendo, então, menos ansiogênicos (Van

Kolck, 1966).

Desenhos de crianças e adolescentes podem ser utilizados como elementos de avaliação psicológica e são classificados como: desenhos livres; desenhos que fazem parte de um psicodiagnóstico, o qual procura dar significado às linhas e traços; e desenhos livres realizados durante a psicoterapia, demonstrando a situação ou estado emocional do avaliando. De qualquer maneira, o desenho pode ser considerado como um instrumento projetivo, de expressão direta como a linguagem escrita ou falada. Através da avaliação dos desenhos, pode-se obter algumas informações acerca de desejos, fantasias, sentimentos que para o indivíduo ainda podem estar inconscientes, além do modo como o sujeito tende a funcionar (Van Kolck, 1966). Cabe ressaltar que, obviamente, não se pode utilizar apenas os desenhos como instrumento único para diagnósticos, há que lançar mão de outros recursos para melhor avaliação possível.

1.2 Histórico do Desenho da figura humana

Estudos sistemáticos sobre a avaliação do desenvolvimento intelectual, através do Desenho da Figura Humana (DFH) realizado por crianças surgiram em 1906 com Lamprecht (Hans, 1963, citado por Wechsler & Schelini, 2002). Posteriormente, Florence Goodnough, em 1926 consolidou o DFH como medida cognitiva (Van Kolck, 1966). Em 1949 Karen Machover publicou os resultados de suas pesquisas com DFHs realizados por crianças e adultos que apresentavam diferentes dificuldades emocionais. Trata-se de diversas análises em torno dos traços dos desenhos, os quais a autora procurava relacionar com algum problema psicológico. A partir de Machover, o DFH também começou a ser utilizado como teste projetivo. Ao longo do tempo houve a ampliação dos estudos relacionados ao teste, com aumento do número de indicadores emocionais levantados pelo DFH.

Os principais autores do DFH projetivo são Machover (1949), Hammer (1981) e Koppitz (1966) e os mais atuais são Naglieri, McNeish e Bardos (1991). O único reconhecido como teste projetivo para avaliação psicológica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) é o de Buck (2003), analisa o DFH e, ao mesmo tempo, o desenho da casa e da árvore. Outros sistemas válidos perante o CFP é o de Weschler (2003), Sisto (2005), ambos para avaliação do desenvolvimento cognitivo.

1.3 Teste projetivo do desenho da figura humana

Existem vários estudos com o Teste do Desenho da Figura Humana, além de diversos tipos de sistemas que se propõem a analisar o DFH projetivo. Machover (1949) foi pioneira em tornar conhecido o DFH como teste projetivo, cuja aplicação incluía uma segunda figura humana do sexo oposto da primeira desenhada. A mesma autora propôs que se solicitasse ao sujeito o desenho da figura humana na chuva, com o qual seria possível avaliar a tendência da pessoa a lidar com situações de tensão (Hutz & Bandeira, 2000). O sistema de correção do teste, segundo Machover (1949), analisa item por item, como sombreamento, posição e tamanho do desenho na folha, dentre outros relacionados a características emocionais.

De acordo com Hutz e Bandeira (2000), Koppitz em 1968 também desenvolveu o DFH como medida de avaliação emocional. A partir de pesquisas de Machover, de Hammer e em seus próprios estudos, Koppitz criou uma escala também com 30 itens para verificar a existência ou ausência de problemas emocionais em crianças em psicoterapia (Hutz & Bandeira, 2000).

Handler já em 1967 também havia proposto um sistema de interpretação do teste, era uma escala com 20 itens para analisar traços de ansiedade. Para este autor um dos indicadores de ansiedade no DFH seria a presença de sombreamento.

Apesar dos vários métodos de interpretação do DFH projetivo, esta medida ainda é geradora de dúvidas quanto à validade dos indicadores emocionais levantados pelo teste. Estas dificuldades estão relacionadas aos significados e às definições para os traços do DFH. Um exemplo disso seria a presença de sombreamento no DFH, sugerir que o sujeito possui indicações de ansiedade, conforme propôs Handler (1967). Segundo Hutz e Bandeira (2000), esta seria uma possibilidade de significado para o sombreamento, mas não quer dizer que seja a mesma para Koppitz e outros autores, nem que realmente signifique uma indicação de ansiedade. Estas sugestões fundamentam-se na perspectiva de questionamentos em relação ao alcance e à precisão dos diversos indicadores emocionais do DFH (Hutz e Bandeira, 2000). São reflexões e divergências alicerçadas na preocupação com a cientificidade do DFH e de torná-lo um teste padronizado e válido para avaliação psicológica (Silva, Pasa, Castoldi & Spessatto, 2010).

Outros questionamentos aos critérios de avaliação do teste dizem respeito às variáveis como idade do avaliando, seus modelos sócio-culturais, assim como capacidade para desenhar, que podem influenciar o desempenho no teste. Além disso, existem diferentes formas de uso e sistemas de interpretação do DFH como instrumento projetivo, mas somente o HTP de Buck (2003) que está validado para avaliação psicológica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) no Brasil. No entanto, este teste utiliza para compreensão o desenho da casa e da árvore, além da figura humana (Reynolds, 1979, citados por Wechsler, Prado, Oliveira & Mazzarino, no prelo; Arteché, 2006). Assim, não há um sistema que utilize apenas o DFH projetivo reconhecido como teste psicológico perante o CFP que, desde a Resolução nº 002/2003 (CFP, 2003), exige que os testes possuam qualidades psicométricas para o reconhecimento de validade para uso psicodiagnóstico. Este critério ainda não acontece com o DFH projetivo.

Dentre os sistemas de interpretação do DFH projetivo, existe o de Naglieri, McNeish e Bardos (1991) que é norte-americano e ainda não possui validação no Brasil. Os autores desenvolveram um sistema de correção para o DFH denominado Draw-a-Person: Screening Procedure For Emotional Disturbance Test (DAP:SPED). Este método foi criado, pois os autores criticavam a maneira clássica de avaliar os desenhos, ou seja, a de atribuir significados emocionais a cada item que aparecia no DFH. Assim, elaboraram um método objetivo para pontuação de 55 itens nos desenhos do homem, da mulher e de si mesmo. Dentre estes, 30 foram baseados na proposta de Koppitz, que considerava como indicadores emocionais aqueles itens que apareceram em menos de 16% dos desenhos de uma amostra de 1856 crianças; tais itens foram julgados como detalhes raros e, conseqüentemente, mais associados a dificuldades emocionais do que a questões evolutivas (Koppitz, 1966; Wechsler & cols., no prelo).

Para a seleção dos itens que integrariam o teste, Naglieri, McNeish e Bardos (1991) basearam-se em exaustiva revisão da literatura, a fim de verificar aqueles que poderiam representar problemas emocionais, de modo a identificar itens que pudessem ser adotados para compor o esquema de pontuação. Os autores desenvolveram consignas para os itens, visando à fácil pontuação e que evitasse imprecisões e dúvidas. Os autores realizaram estudos de fidedignidade intra-avaliadores e entre avaliadores, bem como estudos sobre a validade do teste. Após a seleção e descrição dos itens, foi realizado um estudo piloto por McNeish (1989, citado por Naglieri, McNeish & Bardos, 1991) para avaliar a fidedignidade entre juízes para a pontuação do DFH projetivo. Neste estudo foram avaliados 25 desenhos de crianças e adolescentes com idades entre cinco e 17 anos, pontuados, seguindo as normas do DAP:SPED. Estes desenhos foram pontuados duas vezes pelo mesmo juiz, sendo os mesmos desenhos analisados por outros avaliadores. O cálculo estatístico utilizado para verificar o nível de fidedignidade

foi o coeficiente de correlação de Pearson, o qual na amostra estudada foi igual a 0,94 (P=0,01) intrajuízes e 0,91 (P=0,01) entre avaliadores, significando excelente fidedignidade. “Em estudo adicional de fidedignidade entre juízes e intra-avaliadores, usando o DAP:SPED, 54 casos foram pontuados por dois diferentes avaliadores e o mesmo avaliador pontuou estes mesmos desenhos duas vezes em um intervalo de um mês. Os resultados demonstraram níveis excelentes de fidedignidade entre avaliadores igual a 0,84 (P=0,01) e intra-avaliadores igual a 0,83 (P=0,01)” (Naglieri, McNeish & Bardos, 1991, p.15).

Segundo o sistema de Naglieri, McNeish e Bardos (1991) estes itens devem ser pontuados conforme o esquema de itens e suas respectivas consignas. A soma da pontuação total é transformada em um escore, o qual é comparado com a idade do sujeito, cujo resultado indica se o avaliando necessita ou não de avaliação clínica. Trata-se de um sistema desenvolvido para ser utilizado com crianças e adolescentes, permitindo classificá-las como clínicas ou não-clínicas. Os autores também propõem as indicações de uso do instrumento para identificar dificuldades emocionais que, em alguns casos, manifestam-se como problemas de conduta. Pode ser utilizado em avaliações individuais ou em grupos, bem como por psicólogos escolares em uma intervenção inicial ou um instrumento de uma bateria de testes (Naglieri, McNeish & Bardos, 1991).

No Brasil, o sistema de Naglieri, McNeish e Bardos (1991) foi estudado por Wechsler e cols. (no prelo), que também empregaram os critérios de Koppitz (1966) para a mesma pesquisa. Este trabalho foi realizado com 1103 crianças não-clínicas, estudantes de escolas públicas e particulares. Para tanto, foi avaliado se os itens desenhados estavam relacionados à maturação ou se poderiam ser considerados de ordem emocional. Como um dos resultados do estudo dos 46 itens analisados verificou-

se que 24, por exemplo, garras, mãos cortadas, transparências dentre outros, apareceram como sendo indicadores maturacionais.

Além disso, crianças oriundas de escolas públicas pontuaram mais, do que as estudantes de escolas particulares; tais resultados levaram à constatação que o tipo de escola influencia o total de pontos no teste. As autoras do estudo mencionaram que o DFH é mais um importante instrumento que pode fornecer informações relevantes quanto ao desenvolvimento cognitivo e à dinâmica emocional, desde que se leve em consideração outros dados do avaliando como idade, escolaridade e ambiente sócio-cultural.

2 OBJETIVOS

2.1 Avaliar a fidedignidade entre juízes na análise de itens no DAP:SPED (Naglieri, McNeish & Bardos, 1991).

2.2 Identificar itens que, comparados aos demais, apresentaram índices Kappa que variaram entre 0,60 e 0,69.

3 MÉTODO

3.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa documental: informações de interesse, advindas de outra pesquisa, constantes de um banco de dados maior, foram destacadas para atender aos objetivos dessa dissertação e formaram, assim, um banco específico, para essa investigação que é, assim, documental e retrospectiva. As informações de interesse foram analisadas desde a perspectiva quantitativa, utilizando estatística descritiva e

inferencial, conforme consta no item Procedimento de análise de dados.

3.2 Fonte de dados

A fonte de dados foram desenhos da figura humana do Grupo de Pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”, cuja coleta foi realizada para outra pesquisa, aprovada pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS (Anexo A) e pelo Comitê de Ética da PUCRS (Anexo B); para a presente dissertação, os casos foram selecionados conforme se esclarece no item Procedimentos de coleta de dados. Embora a origem dos dados seja de outra pesquisa, o uso dos mesmos foi original, no sentido de que a análise é distinta daquela da pesquisa anterior, pois os objetivos são outros.

3.3 Instrumentos

O Desenho da Figura Humana foi utilizado para avaliar questões cognitivas da criança, para excluir da amostra crianças que apresentaram desempenho cognitivo abaixo da média, fronteiro e deficiente. Para tanto, foi utilizado o sistema de correção proposto por Wechsler (2003).

O Desenho da Figura Humana também foi utilizado como método projetivo segundo Naglieri, McNeish e Bardos (1991), para a consecução do objetivo de avaliar os itens propostos pelos autores para estudo de fidedignidade entre juízes. O instrumento possui 55 itens que avaliam o desenho de crianças com idades entre cinco e 12 anos. Os itens de um a nove, avaliados por folhas crivo para verificar tamanho, localização do desenho no papel e grau de inclinação. Os crivos para avaliação destes itens possuem medidas norte-americanas, diferentes das brasileiras, por isso, não foram utilizados no presente estudo. Neste sentido, foram examinados 46 itens, aqueles que

integram o conjunto de conteúdos dos desenhos, por exemplo, pernas juntas, sombreamentos, integração pobre, dentre outros.

3.4 Procedimentos de coleta de dados

Como se trata de uma pesquisa documental, os dados foram provenientes de protocolos de arquivo já armazenados em banco de dados do Grupo de Pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”. Do banco de dados, foram selecionados, casos nos quais crianças de cinco a 12 anos, haviam desenhado os dois desenhos da figura humana: de homem e de mulher; do montante de casos assim escolhidos, foram selecionados, aleatoriamente, 200 casos de desenhos da figura humana, perfazendo, então 100 desenhos da figura masculina e 100 da figura feminina.

3.5 Critérios de exclusão de casos

Para o presente estudo foram excluídos casos nos quais as crianças avaliadas apresentaram, via DFH cognitivo (Wechsler, 2003), a classificação de fronteira, cujos escores variaram entre 70-79; ou deficiente com escores estavam abaixo de 69. Também foram excluídos desenhos de figuras humanas em forma de palitos, pois não permitem a análise.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

O DFH cognitivo foi analisado conforme seu respectivo manual (Wechsler, 2003).

No DFH projetivo foram analisados 46 itens, conforme sistema de Naglieri, McNeish e Bardos (1991). Esta alteração no teste ocorreu, pois os itens de um ao nove

são corrigidos por crivos, cujas folhas para correção possuem medidas norte-americanas, diferentes dos padrões brasileiros. Além disso, para a análise dos itens, usou-se os desenhos do homem e da mulher. Itens do desenho de si mesmo não foram analisados, por não existirem no banco de dados, fonte desta pesquisa.

As informações extraídas dos protocolos foram transportadas para o banco de dados no programa estatístico SPSS versão 17.0 for Windows, sem a identificação nominal da criança, garantido o anonimato de cada sujeito.

Para estudo de fidedignidade, os itens do DAP:SPED a serem analisados foram digitados, compondo uma Folha de Respostas (Anexo C). Estas folhas foram entregues a quatro avaliadores, integrantes do grupo de pesquisa. Os juízes* foram solicitados a avaliar, de forma independente, todos os desenhos pelo sistema proposto por Naglieri, McNeish e Bardos (1991).

Para compreensão do DAP:SPED houve um extenso período de treinamento, seguindo uma das indicações de Naglieri, McNeish e Bardos (1991). Solange Wechsler, da PUCCampinas, pesquisadora responsável pela validação do instrumento no Brasil, esteve no grupo de pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica” e realizou com os membros do grupo discussão acerca dos critérios de análises dos itens, para melhor compreensão do teste. Posteriormente, o esquema de estudos incluiu a capacitação teórica em que o manual foi exaustivamente lido e discutido pela mestrandia, por outra psicóloga e por duas alunas de graduação de psicologia, de modo que fosse compreendido por todas elas, que trabalhariam como juízas da análise dos DFH projetivo. Além disso, houve uma etapa, durante a qual 30 desenhos de figuras humanas, não utilizados na amostra desta pesquisa, foram interpretados, à luz do sistema de Naglieri, McNeish & Bardos (1991), a fim de que os

* Foram juízes nesta pesquisa, a mestrandia, uma psicóloga e duas estudantes de psicologia.

itens pudessem ser exaustivamente discutidos e esclarecidos. Após esta etapa, os juízes, separadamente, passaram a analisar os desenhos.

Para testar a fidedignidade entre juízes foi utilizada a medida de concordância Kappa através do programa estatístico WinPepi versão 5.5. Os valores podem variar entre zero e um, sendo classificados conforme descrição da tabela a seguir, proposta por Landis e Koch (1977, p. 165):

Tabela 1: classificação da medida Kappa

KAPPA	Classificação
< 0	Pobre
0 – 0,20	Leve
0,21 – 0,40	Regular
0,41 – 0,60	Moderado
0,61 – 0,80	Substancial
0,81 – 1	Quase perfeito

3.7 Procedimentos Éticos

Por se tratar de pesquisa documental, as informações que compuseram o banco de dados são oriundas de pesquisa já realizada pelo *Grupo de Pesquisa Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica*, aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS (Anexo B). Desde a pesquisa inicial, a identidade das crianças, para fins de banco de dados, foi registrada de acordo com um número, sendo, então, seu código de identificação, procedimento que assegurou o sigilo da identidade dos participantes.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo foi realizado com meninos e meninas com idades entre seis e 12 anos, escolares de duas escolas estaduais de ensino fundamental da cidade de Porto Alegre, RS. A tabela 1 apresenta a caracterização da amostra:

Tabela 1: Características sociodemográficas da amostra

Variável	n	%
Sexo		
Masculino	77	38,5
Feminino	123	61,5
Total	200	100,0
Faixa Etária*		
6 anos	5	0,3
7 anos	48	4,7
8anos	49	6,6
9 anos	35	7,9
10 anos	47	11,1
11 anos	12	16,5
12 anos	4	15,8
Total	200	100,0
Escola		
Escola nº 1	105	52,5
Escola nº 2	95	47,5
Total	200	100,0

Obs.: Em termos de idade, a média foi de 4,68, com desvio padrão de 1,395; em relação a sexo, idade e escola freqüentada, o valor do qui-quadrado calculado foi de 1,796, com 6 graus de liberdade e nível de significância igual a 0,937.

Os objetivos desta pesquisa foram verificar a concordância entre juízes na análise de itens do sistema de interpretação proposto por Naglieri e cols. (1991) e identificar itens que, comparados aos demais, apresentaram índices Kappa que variaram entre 0,60 e 0,69. Nesta análise, procurou-se investigar se o item era claro e objetivo suficientemente para que os avaliadores, de forma independente, atribuíssem a mesma pontuação, registrada em folhas respostas específicas para o presente estudo (Anexo C). A análise da fidedignidade das respostas foi realizada a partir da medida de concordância Kappa. Para o cálculo foram utilizadas as pontuações aos itens dos dois desenhos, o da mulher e do homem. Assim, segue as tabelas de apresentação dos resultados, a partir da análise das pontuações dos itens dos quatro juízes para os desenhos da mulher e do homem.

Tabela 2: Resultados do nível de concordância entre juízes para os itens dos desenhos da figura do sexo masculino

DESENHO DO HOMEM			
Itens	Concordância	Kappa*	Classificação
10. Pernas juntas	93%	0,86	Quase Perfeito
11. Desenho de linha de base	98,5%	0,97	Quase Perfeito
12. Letras e números	97,5%	0,95	Quase Perfeito
13. Rotação de página	96%	0,92	Quase Perfeito
14. Face da figura para a esquerda ou direita	98%	0,96	Quase Perfeito
15. Figura de costas	99,5%	0,99	Quase Perfeito
16. Integração pobre	83%	0,66	Substancial
17. Transparências	99%	0,98	Quase Perfeito
18. Reinícios	91%	0,82	Quase Perfeito
19. Cabeça omitida	100%	1	Quase Perfeito
20. Omissão de cabelo	94%	0,88	Quase Perfeito
21. Omissão dos olhos	100%	1	Quase Perfeito
22. Omissão nariz	98%	0,96	Quase Perfeito
23. Omissão boca	98,5%	0,97	Quase Perfeito
24. Omissão tronco	98,5%	0,97	Quase Perfeito
25. Omissão braços	98,5%	0,97	Quase Perfeito
26. Omissão dedos	95,5%	0,91	Quase Perfeito
27. Omissão pernas	98,5%	0,97	Quase Perfeito
28. Omissão pés	96,5%	0,93	Quase Perfeito
29. Reg. Genital apagada ou borrada	96%	0,92	Quase Perfeito
30. Sombreamento região genital	92%	0,84	Quase Perfeito
31. Sombreamento mãos	96,5%	0,93	Quase Perfeito
32. Sombreamento pés	88,5%	0,77	Substancial
33. Sombreamento exterior	91%	0,82	Quase Perfeito
34. Olhos vazios	91,5%	0,83	Quase Perfeito

35. Olhos fechados	99%	0,98	Quase Perfeito
36. Olhos cruzados	100%	1	Quase Perfeito
37. Figura olhando esquerda ou direita	90,5%	0,81	Quase Perfeito
38. Boca carrancuda	98,5%	0,97	Quase Perfeito
39. Boca linha reta ou cortada	94%	0,88	Quase Perfeito
40. Dentes	98%	0,96	Quase Perfeito
41. Objeto na boca	100%	1	Quase Perfeito
42. Braços abertos	97,5%	0,95	Quase Perfeito
43. Braços pressionados ao tronco	97%	0,94	Quase Perfeito
44. Posição incoerente dos braços	84,5%	0,69	Substancial
45. Mãos cortadas	91,5%	0,83	Quase Perfeito
46. Mãos escondidas	99%	0,98	Quase Perfeito
47. Punhos	97,5%	0,95	Quase Perfeito
48. Garras	97,5%	0,95	Quase Perfeito
49. Símbolos agressivos	99,5	0,99	Quase Perfeito
50. Objetos na figura humana	94%	0,88	Quase Perfeito
51. Fundo preenchido	97,5%	0,95	Quase Perfeito
52. Monstro	99,5%	0,99	Quase Perfeito
53. Desenho varias figuras	96%	0,92	Quase Perfeito
54. Figura nua	100%	1	Quase Perfeito
55. Figura uniformizada	99%	0,98	Quase Perfeito

*Margem de erros $P = 0,000$ para todos os itens

Tabela 3: Resultados do índice de concordância entre juízes para os 46 itens do DFH da mulher

DESENHO DA MULHER			
Itens	Concordância	Kappa*	Classificação
10. Pernas juntas:	97,5%	0,95	Quase Perfeito
11. Desenho de linha de base	100%	1	Quase Perfeito
12. Letras e números	99,5%	0,99	Quase Perfeito
13. Rotação de página	98,5%	0,97	Quase Perfeito
14. Face da figura para a esquerda ou direita	98%	0,97	Quase Perfeito
15. Figura de costas	100%	1	Quase Perfeito
16. Integração pobre	88%	0,76	Substancial
17. Transparências	98,5%	0,97	Quase Perfeito
18. Reinícios	86,5%	0,73	Substancial
19. Cabeça omitida	99,5%	0,99	Quase Perfeito
20. Omissão de cabelo	99,5%	0,99	Quase Perfeito
21. Omissão dos olhos	100%	1	Quase Perfeito
22. Omissão nariz	96,5%	0,93	Quase Perfeito
23. Omissão boca	99,5%	0,99	Quase Perfeito
24. Omissão tronco	99,5%	0,99	Quase Perfeito
25. Omissão braços	98%	0,96	Quase Perfeito
26. Omissão dedos	95,5%	0,91	Quase Perfeito
27. Omissão pernas	96%	0,92	Quase Perfeito
28. Omissão pés	97,5%	0,95	Quase Perfeito
29. Reg. Genital apagada ou borrada	94%	0,88	Quase Perfeito
30. Sombreamento região genital	86%	0,72	Substancial
31. Sombreamento mãos	93,5%	0,87	Quase Perfeito
32. Sombreamento pés	92,5%	0,85	Quase Perfeito
33. Sombreamento exterior	96%	0,92	Quase Perfeito
34. Olhos vazios	93,5%	0,87	Quase Perfeito

35. Olhos fechados	98%	0,96	Quase Perfeito
36. Olhos cruzados	98,5%	0,97	Quase Perfeito
37. Figura olhando esquerda ou direita	91,5%	0,83	Quase Perfeito
38. Boca carrancuda	97,5%	0,95	Quase Perfeito
39. Boca linha reta ou cortada	96%	0,92	Quase Perfeito
40. Dentes	99,5%	0,99	Quase Perfeito
41. Objeto na boca	100%	1	Quase Perfeito
42. Braços abertos	96,5%	0,93	Quase Perfeito
43. Braços pressionados ao tronco	98%	0,96	Quase Perfeito
44. Posição incoerente dos braços	81,5%	0,63	Substancial
45. Mãos cortadas	94%	0,88	Quase Perfeito
46. Mãos escondidas	98,5%	0,97	Quase Perfeito
47. Punhos	96%	0,92	Quase Perfeito
48. Garras	95,5%	0,91	Quase Perfeito
49. Símbolos agressivos	99%	0,99	Quase Perfeito
50. Objetos na figura humana	96,5%	0,93	Quase Perfeito
51. Fundo preenchido	96%	0,92	Quase Perfeito
52. Monstro	98,5%	0,97	Quase Perfeito
53. Desenho várias figuras	97%	0,94	Quase Perfeito
54. Figura nua	99%	0,98	Quase Perfeito
55. Figura uniformizada	99,5%	0,98	Quase Perfeito

* P = 0,000 para todos os itens

As tabelas 2 e 3 apresentam o índice de concordância entre juízes para cada um dos 46 itens dos DFHs, parte do sistema de avaliação proposto por Naglieri, McNeish & Bardos (1991). Os coeficientes de concordância variam entre 0 e 1. Dentre os itens dos DFH do homem este índice variou entre 0,66 e 1. Para os DFH da mulher os índices Kappa variaram entre 0,63 e 1. Neste sentido, para todos os itens o coeficiente de fidedignidade entre juízes variou entre substancial e quase perfeito.

A proposta de Naglieri, McNeish & Bardos (1991) era desenvolver um sistema de pontuação para o DFH que fosse o mais livre possível de ambiguidades. Mesmo assim, a equipe de juízes do presente estudo encontrou mais dúvidas em itens como o item 16, Integração Pobre e o item 44, Posição Incoerente dos Braços. Para os desenhos da figura do homem o item Integração Pobre apresentou índice de concordância de 83% e $K=0,66$. Esta média é classificada, conforme Tabela 1, como substancial, mas comparado aos demais itens analisados, foi um dos coeficientes de concordância mais baixo. Durante a etapa de treinamento, na fase de análise dos 30 desenhos, várias vezes, as avaliadoras paravam para discutir e estudar o item.

O mesmo aconteceu com o item 44, Posição Incoerente dos Braços, que também apresentou muitas dúvidas e divergências entre a equipe durante o treinamento. O índice de concordância entre avaliadores foi de 84,5% e $K=0,69$ nos desenhos do homem. Para os desenhos da figura feminina o índice foi de 81,5% e $K=0,63$. Apesar desta média também ser classificada como substancial, segundo a Tabela 1, foi outro índice baixo, se comparado com os demais.

Na fase de treinamento com este sistema percebeu-se que, para a equipe de avaliadores, não estava suficientemente claro o que os autores sugeriam como Integração Pobre e Posição Incoerente ou Inconsistente dos Braços; foram incoerências sentidas pela equipe, a qual não compreendia com clareza o que Naglieri, McNeish & Bardos (1991) estavam propondo que se pontuasse no item. O que se percebeu nos itens citados é que ambos possuem subdivisões, ou seja, Integração Pobre apresenta subitens como: cabeça não ligada ao tronco; braços juntos ao tronco; pernas ligadas à metade do tronco. O item Posição Incoerente dos Braços subdivide-se em: braços estendidos sobre a cabeça da figura; braços estendidos na horizontal; braços suspensos para baixo; um dos braços pressionados ao tronco sem espaço entre ele e o tronco. Estas subdivisões

causaram ambiguidades e, conseqüentes, divergências entre a equipe de juízes durante o treinamento. Além disso, observou-se que alguns desenhos não se enquadravam nos propósitos destes itens, ou seja, os próprios desenhos foram causadores de controvérsias na perspectiva da pontuação. Talvez algumas dúvidas tenham persistido na fase de pontuação às cegas, isto é, na etapa em que os juízes estavam interpretando os desenhos de forma independente, sem a possibilidade de discussão de cada item. Estes fatores podem ter contribuído para o índice de fidedignidade entre juízes ter sido um pouco mais baixo em relação aos demais. No entanto, estes resultados pareceram não comprometer a objetividade e clareza do item, mas poderiam valer como alerta.

Apesar dos itens citados serem os que causaram mais dúvidas, pôde-se verificar que, dos 46 itens utilizados para avaliação no presente estudo, as quatro avaliadoras demonstraram níveis de concordâncias aceitáveis quanto aos critérios de pontuação do teste. Percebe-se, então, que as juízas do estudo entenderam os critérios do sistema, o que pode estar relacionado ao extenso período de treinamento, durante o qual o DAP:SPED foi exaustivamente estudado. Segundo Fensterseifer (2008), o adequado treinamento dos juízes é de extrema importância para o apropriado levantamento do teste.

É possível afirmar que a maior parte dos itens que integram o sistema de correção propostos por Naglieri, McNeish e Bardos (1991) estão bem descritos. Portanto, ficou aparente, através da avaliação da fidedignidade entre os juízes, que os itens analisados prestam-se aos objetivos dos autores: facilidade e objetividade para pontuação. Em pesquisa realizada por Trevisan (1996) também foi demonstrada a objetividade dos critérios de pontuação do teste. Este é um instrumento com relativa resistência a confusões e dúvidas, porém sua validade deveria ser melhor estudada (Bruening,

Wagner & Johnson, 1997).

Além disso, Matto, Naglieri e Clausen (2005) realizaram uma pesquisa em que foi aplicado o teste conforme proposto por Naglieri, McNeish & Bardos (1991) em crianças de classe especial e em crianças do ensino regular. Ao serem comparados os escores dos testes dos dois grupos, os autores verificaram que aqueles de crianças de classes especiais foram mais altos do que a do outro grupo. Estes achados contribuem para demonstrar que os critérios DAP:SPED colaboram para discriminar a população clínica e não-clínica, ou seja, na discriminação de avaliandos que necessitam de algum tipo de intervenção clínica, daquelas que não possuem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teste projetivo do Desenho da Figura Humana é um importante instrumento e muito utilizado no processo psicodiagnóstico, devido à simplicidade de aplicação: requer apenas papel e lápis. Os sistemas de correção propostos por Machover (1949), Koppitz (1968), dentre outros, para analisar os desenhos, embora muito utilizados, sofrem críticas quanto à objetividade, método de interpretação e real alcance dos indicadores emocionais. Para a presente dissertação, então, a opção foi pelo uso do sistema proposto por Naglieri, McNeish & Bardos (1991), para o qual foi analisada a concordância entre juízes na pontuação de 46 itens do DFH projetivo. Os resultados apresentaram índices aceitáveis de fidedignidade, apontando que os itens atingem a objetividade e facilidade de pontuação a que se propõem.

Apesar do item 16 Integração Pobre e o item 44 Posição Incoerente dos Braços, apresentarem valores Kappa mais baixos em relação aos demais, a classificação variou entre substancial e quase perfeita, podendo ser considerada um nível satisfatório de fidedignidade. Cabe salientar que foi um estudo realizado com pequena amostra de

somente duas escolas de Porto Alegre. As pesquisas de Naglieri, McNeish & Bardos (1991) demonstraram resultados com excelentes índices de concordância entre juízes em amostra norte-americana

Desta maneira, este estudo avaliou o nível de concordância entre juízes na tentativa de verificar a qualidade da clareza da descrição dos itens do DFH. Poderia ser considerado um ensaio para a adequação do DFH, sistema Naglieri, McNeish & Bardos (1991), já que existem poucos instrumentos reconhecidos como válidos pelo CFP para avaliação psicológica. No entanto, são necessários outros estudos em relação ao sistema de escores e quanto às classificações dos sujeitos apontadas pelo teste, ou seja, clínica ou não-clínica.

Outra indicação de uso do DAP:SPED, segundo Naglieri, McNeish & Bardos (1991), seria como primeiro instrumento para coleta de informações, durante uma avaliação inicial, para identificar aqueles casos com problemas emocionais. Neste sentido, o DFH proposto por Naglieri, McNeish e Bardos (1991) também poderia ser utilizado nas escolas brasileiras, por psicólogos escolares, para mapeamento da população, já que foi desenvolvido para discriminar os sujeitos que necessitam atenção clínica daqueles que não precisam. O uso do teste desta forma, poderia auxiliar o psicólogo no tipo de encaminhamento a ser realizado. Vale salientar que o DAP:SPED não identifica o problema, isto é, não se propõe a fazer um diagnóstico, serve para orientar em intervenção inicial (Naglieri, McNeish & Bardos, 1991; Matto, Naglieri & Clausen, 2005). Todavia cabe ressaltar que o DAP:SPED foi desenvolvido a partir de normas e amostras norte-americanas. Para o uso de testes, estes devem ser, primeiramente, validados, segundo normas brasileiras e com amostras da população brasileira (Hutz & Bandeira, 1995).

REFERÊNCIAS

- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Arteche, A. X. & Bandeira, D. R. (2006). O desenho da figura humana: revisando mais de um século de controvérsias. *Ridep*, 22 (2), pp. 133 – 155.
- Balbo, G. (1991). Do ouvido ao olho e num estalar de dedos: acerca do desenho e de sua leitura prévia para interpretá-lo (pp. 52-68). In Teixeira, A. B. R. (Eds.). *O mundo a gente traça: considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil*. Salvador: Álgama.
- Buck, J. (2003). *HTP: manual e guia de interpretação*. Cubatão: Vetor.
- Bruening, C., Wagner, W., & Johnson, Jr. (1997). Impact of rater knowledge on sexually abused and nonabused girls's scores on Draw-a-Person: Screening procedure for emotional disturbance (DAP: SPED). *Journal of Personality Assessment*, 68(3), 665-677.
- Chemana, R. (1991). O ato de desenhar (pp. 11-26). In Teixeira, A. B. R. (Eds.). *O mundo a gente traça: considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil*. Salvador: Álgama.
- Cox, M. (2001). *Desenho da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fensterseifer, L. (2008). *Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização das respostas e fidedignidade entre avaliadores*. Tese de Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Handler, L. (1967). Anxiety indexes in the Draw-a Person Test; a scoring manual. *Journal of Projective Techniques and Personality Assesment*, 31, pp. 46-57.
- Hutz, C. S. & Bandeira, D. (1995). Avaliação psicológica com desenho da figura humana: técnica ou intuição? *Temas em psicologia*, 3, PP. 35-41.
- Hutz, C. & Bandeira, D. (2000). Desenho da Figura Humana (pp. 507-512). In Cunha, J. A. e cols. *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artmed.
- Koppitz, E.M. (1966). Emotional indicators on Human Figure Drawings of children: a validation study. *Journal of Clinical Psychology*, 22 (3), pp. 313-315.
- Landis, J. R. & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 3 (1), 159-174.
- Liporace, M. F. (1996). *El dibujo de la figura humana: aspectos psicométricos y proyectivos en el proceso psicodiano*. Buenos Aires: Psicoteca Editorial.
- Matto, H. C., Naglieri, J. A. & Clausen, C. (2005). Validity of the Draw-a-Person: Screening Procedure for Emotional Disturbance (DAP:SPED) in strengths-based

assessment. *Research on Social Work Practice*. 15 (1), pp. 41-46.

Naglieri, J.A., Mcneish, T. J., & Bardos, A. N. (1991). *DAP-SPED: Draw a person: screening procedure for emotional disturbance*. Austin, TX: Pro-Ed.

Machover, K. (1949). *Personality projection in the drawing of the human figure: A method of personality investigation*. Springfield: C. C. Thomas.

Regulamentação do uso, elaboração e comercialização de Testes Psicológicos, Resolução CFP Nº 002/2003, Conselho Federal de Psicologia. (2003). Acesso em 27 de maio de 2006. On-line. Disponível em: <http://www.pol.org.br/resolucoes/002_2003.doc>.

Silva, R.B.F., Pasa, A., Castoldi, D.R. & Spessatto, F. (2010). O desenho da figura humana e seu uso na avaliação psicológica. *Psicol. Argum*, 28 (60), pp. 55-64.

Sisto, F. (2005). *Desenho da Figura Humana- Escala Sisto*. São Paulo: Vetor.

Trevisan, M. (1996). Review of the Draw-a-Person: Screening procedure for emotional disturbance. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 28, 225-228.

Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

Van Kolck, O. L. V. (1966). *Sobre a técnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade*. São Paulo.

Wechsler, S., Prado, C. M., Oliveira, K. S. & Mazzarino, B. G. (s.d.). *Desenho da figura humana: medida emocional ou desenvolvimental?* Manuscrito não publicado.

Wechsler, S. (1998). Validação do desenho da figura humana para crianças brasileiras. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 1, 47-65.

Wechsler S. M. & Schelini, P. W. (2002). Validade do Desenho da Figura Humana para Avaliação Cognitiva Infantil. *Avaliação Psicológica*, 1 (1), 29-38.

Wechsler S. M. (2003). *DFH III: avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras*. Campinas: Impressão Digital do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O DFH projetivo é um dos testes mais utilizados quando se trata de avaliação psicológica, além de ser um dos mais antigos, desde meados de 1940 vem sendo realizados estudos com o mesmo. Apesar de existirem muitas pesquisas em relação aos diversos tipos de uso e interpretações do DFH projetivo, ainda não existem estudos suficientes sobre as qualidades psicométricas do teste para que o mesmo possa ser reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) como válido para uso em amostras brasileiras. Portanto, torna-se um risco analisar o teste validado apenas com amostra norte-americana.

O estudo de revisão apresentou a história e os aspectos que fundamentam a construção do DFH projetivo, também tratou a diversidade de estudos e usos dos indicadores do teste. Observou-se neste estudo que existem muitos indicadores emocionais levantados pelo DFH projetivo, porém existem controvérsias e dúvidas em relação à validade dos significados dos traços.

O segundo artigo da presente dissertação centrou-se no estudo do índice de fidedignidade entre juízes na análise de itens do sistema de interpretação do DFH projetivo proposto por Naglieri, McNeish e Bardos (1991). Este método é um dos mais atuais e propõe um esquema de itens a serem pontuados, diferentemente, dos sistemas existentes que atribuem significados emocionais a cada item presente nos desenhos. São 55 itens estudados exhaustivamente pelos autores e considerados como projetivos, ou seja, relacionados ao funcionamento emocional do sujeito. Estes itens são pontuados conforme consigna elaborada por Naglieri, McNeish e Bardos (1991) e o total dos pontos dos desenhos do homem, da mulher e de si mesmo é transformado em um escore que demonstra a necessidade do sujeito de avaliação psicológica ou não. É uma

proposta interessante, pois os itens são facilmente pontuados, demonstrando a objetividade a que este sistema se propõe como apresentados nos resultados desta dissertação. Este fator pode tornar o DFH projetivo menos vulnerável a dúvidas e controvérsias, sendo possível utilizá-lo como mais um recurso em triagens e avaliações, conforme sugerem Naglieri, McNeish e Bardos (1991).

Assim como em outros estudos, este também teve as suas limitações e fragilidades. Foram utilizados desenhos de sujeitos com idades entre seis e 12 anos, sendo que o teste possui indicações de uso em crianças e adolescentes com idades entre cinco e 17 anos. Os desenhos utilizados foram coletados em duas escolas públicas, não sendo usados desenhos de crianças de escolas particulares, por não conter no banco de dados pesquisado. Wechsler e cols. (no prelo) encontraram diferenças nos desenhos de crianças provenientes de escolas públicas e privadas. Aquelas de escolas públicas apresentaram maior pontuação no teste. Outro fator que poderia ser considerado limitação deste estudo foi a análise dos itens, sem considerar idade e escolaridade de quem desenhou. Além disso, foram retirados os nove primeiros itens e foram utilizados os desenhos da figura do homem e o da mulher, não fazendo parte da fonte de dados o desenho de si mesmo, segundo propõem Naglieri, McNeish & Bardos (1991).

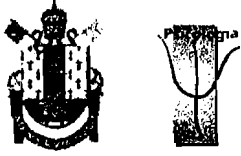
Enfim, a proposta desta dissertação é mais do que apresentar o nível de concordância entre avaliadores na análise item por item do DFH de Naglieri, McNeish & Bardos (1991), mas, também, a de demonstrar este sistema de interpretação e, talvez, instigando outros estudos acerca deste instrumento. Trata-se de mais um recurso para pensar sobre o examinando. Mostrar, ao mesmo tempo, que existem outros caminhos que podem auxiliar e facilitar na avaliação psicológica.

Referências

Naglieri, J.A., Mcneish, T. J., & Bardos, A. N. (1991). *DAP-SPED: Draw a person: screening procedure for emotional disturbance*. Austin, TX: Pro-Ed.

Wechsler, S., Prado, C. M., Oliveira, K. S. & Mazzarino, B. G. (s.d.). Desenho da figura humana: medida emocional ou desenvolvimental? Manuscrito não publicado.

ANEXOS




Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, 22/10/2009

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado "Teste Projetivo do Desenho da Figura Humana: Estudo de Fidedignidade entre Juízes".

Atenciosamente,



Prof. Dra. Margareth da Silva Oliveira
Comissão Científica da FAPSI

Ilmo(a) Sr(a)

Profa. Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes e Mestranda Gisele Vieira Ferreira

Faculdade de Psicologia

Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - P. 11 - 9º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo B



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício 980/06-CEP

Porto Alegre, 21 de agosto de 2006.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 06/03262, intitulado: **“Evidências de validade para o teste gestáltico visomotor Bender em crianças”**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser autorizadas a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)

Profa Maria Lucia Tiellet Nunes e Acad Roselaine Berenice Ferreira da Silva
N/Universidade

Anexo C
Folha de Respostas

NOME:

Sujeito:

- | | |
|---|---|
| 10. Pernas juntas: | 33. Sombreamento exterior: |
| 11. Desenho de linha de base: | 34. Olhos vazios: |
| 12. Letras e números: | 35. Olhos fechados: |
| 13. Rotação de página: | 36. Olhos cruzados: |
| 14. Face da figura para a esquerda
ou direita: | 37. Figura olhando
esquerda/direita: |
| 15. Figura de costas – | 38. Boca carrancuda: |
| 16. Integração pobre: | 39. Boca em linha reta ou cortada: |
| 17. Transparências: | 40. Dentes: |
| 18. Reinícios: | 41. Objeto na boca: |
| 19. Cabeça omitida: | 42. Braços abertos: |
| 20. Omissão de cabelo: | 43. Braços pressionados ao tronco: |
| 21. Omissão dos olhos: | 44. Posição incoerente: |
| 22. Omissão de nariz: | 45. Mãos cortadas: |
| 23. Omissão de boca: | 46. Mãos escondidas: |
| 24. Omissão do tronco: | 47. Punhos: |
| 25. Omissão de braços: | 48. Garras: |
| 26. Omissão de dedos: | 49. Símbolos agressivos: |
| 27. Omissão de pernas: | 50. Objetos na figura humana |
| 28. Omissão de pés: | 51. Fundo preenchido |
| 29. Região genital apagada ou
borrada: | 52. Monstro: |
| 30. Sombreamento na região
genital: | 53. Desenho de várias figuras: |
| 31. Sombreamento nas mãos: | 54. Figura nua: |
| 32. Sombreamento nos pés: | 55. Figura uniformizada: |